FOLHETO
Nº 182/ex. 2
DATA 27/11/02

O Capitão-mor
PEDRO TEIXEIRA

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM

CARLOS A. DE MENDONÇA

A CONQUISTA DA ALTA AMAZÔNIA

Ao caro amigo
General Abbas Arruda
com o abraço do
Mendonça
Belem, março - 73

A CONQUISTA DA ALTA AMAZÔNIA

O Capitão-mór PEDRO TEIXEIRA

Ensaio biográfico-histórico do grande guerreiro colonial — A épica expedição empreendida em 1637, das praias do Camutá às bocainas do Rio do Ouro — A dilatação das fronteiras do Brasil à confluência do Napo — A volta do conquistador e os efeitos da conquista — O quadro histórico de Antônio Parreiras.

BIBLIOTECA ARTHUR REIS
MANAUS - AMAZONAS

FOLHETO
Nº 182
DATA 27/ 11/ 02

OFERTÓRIO

Carlos A. de Mendonça

Já elevado às honras imorredouras do mármore de sua estátua no pórtico de Belém, — o olhar perdido nos horizontes verdes do périplo de 1637 — o bravo guerreiro lusitano Pedro Teixeira faz-se credor desta biografia, modesto trabalho para a grandeza do insigne feito, digno de figurar entre os demais estudos dos historiadores paraenses que se hão ocupado da presença homérica, em terras amazoníndias, do sertanista, soldado e homem de governo, que foi o intimorato navegante, ao dilatar até junto aos Andes as fronteiras brasileiras no século XVII.

Ao recomendar a 2a. edição da presente monografia, o exmo. Senhor Prefeito Municipal de Belém, Coronel Nélio Lobato, assinala o reatamento daquele espírito do mecenado, tão dignamente enaltecido durante a gestão do seu honrado antecessor, o Intendente Antônio José de Lemos, cuja obra de devoção como urbanista, legislador e homem de Estado vem sendo retomada por aqueles prefeitos dedicados ao bem público.

O autor deste livro, jornalista João Alfredo de Mendonça, falecido em 1958 no Rio de Janeiro, deixou-nos o fruto de suas laboriosas pesquisas e com elas podemos coligir e ajuntar outras informações de cunho histórico, investigadas nas obras de historiógrafos de comprovada autoridade, como Berredo, João Ribeiro, Capistrano de Abreu, Artur Cesar Ferreira Reis, Ernesto Cruz e Baena.

Esta 2a. edição não aspira a outro intento que o de divulgar mais amplamente, entre a juventude escolar do Pará e da Amazônia a vida e as façanhas gloriosas de Pedro Teixeira, da gente nacional e portuguesa que o acompanhava na célebre Expedição e nos parece ter seu lugar destacado e de significação ímpar neste ano de 1973, em que se comemora o 357o. aniversário da fundação da Cidade e em cujo ciclo de notáveis empreendimentos seria injusto e imperdoável omitir a recuperação econômica e social do Grande Vale operada pela visão determinada e resoluta do preclaro Presidente Emílio Médici.

Pedro Teixeira deu novas fronteiras ao Brasil; deixando no silêncio das coisas mortas o Tratado de Tordesillas, levou consigo o próprio meridiano imposto a Espanha e Portugal pelo governo papal de Roma e às margens do Napo assentou os marcos que seriam os novos lindes geográficos da Amazônia.

Não lhe faltaram sobressaltos e ataques imprevistos, superiores à resistência dos expedicionários, mas ao fim dominados pela coragem, intrepidez e altruísmo do chefe da difícil empresa.

Cabe aqui recordar o épico imortal dos Lusíadas:

> E em perigos e guerras esforçados,
> Mais do que prometia a fôrça humana,
> Entre gente remota edificaram
> Novo reino que tanto sublimaram.

CÓPIA AUTÊNTICA

Do Auto da posse que se tomou entre Portugal e Domínios de Castella por Pedro Teixeira Capitão-Mor por sua Majestade das Entradas e Descobrimento de Quito das Amazonas, etc.

Anno de Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1639 aos 16 dias de mez de Agosto defronte das bocainas do Rio do Ouro, estando ahi Pedro Teixeira Capitão Mór por sua Magestade das entradas e descobrimento, de Quito e Rio das Amazonas e vindo já na volta do dito descobrimento, mandou vir perante si Capitães Alferes e soldados das suas Companhias e presentes todos lhe communicou e declarou que elle trazia ordem do Governador do Estado do Maranhão conforme o Regimento que tinha o dito Governador de Sua Magestade e para no dito Districto, digo dito descobrimento escolher um sitio que melhor lhe parecer para nelle se fazer povoação e por quanto aquella em que de presente estavão lhe parecia conveniente assim por razão do ouro de que havia noticia como por serem bons ares e campinas para todas as plantas, pastos de gados, e criações e lhes pedia seus pareceres por quanto tinha já visto tudo o mais no descobrimento e Rio, e logo por todos e cada um foi dito que em todo o discurso do dito descobrimento não havia sitio melhor e mais acommodado e sufficiente para a dita povoação que aquelle em que estavão pelas razões ditas e declaradas, o que visto pelo dito Capitão Mór em nome de d'ElRei Felippe IV, Nosso Senhor tomou posse pela Coroa de Portugal do dito sitio e mais terras, Rios, navegações e Commercios to-

mando essas terras nas mãos e lançando - a ao ar, dizendo em altas vozes; que tomava posse das ditas terras e sitio em nome d'ElRei Felippe IV Nosso Senhor pela coroa de Portugal, se havia quem a dita posse contradissesse ou tivesse embargos que lhe fôr, que ahi estava o Escrivão da dita jornada e descobrimento que lhes receberia, porqanto ali vinhão Religiozos da Companhia de Jezus por ordem da Real Audiência de Quito, e porque é terra remota e povoada de muitos Índios não houve por elles nem por outrem quem lhe contradicesse a dita posse pelo que eu Escrivão d'El-Rei Felippe IV Nosso Senhor houve por mettido e envestido na dita posse pela Coroa de Portugal do dito sitio e mais terras, rios, navegações e Commercios ao qual sitio o dito Capitão Mór pôz o nome "Franciscana" de que tudo eu Escrivão fiz este autto de posse em que assignou o dito Capitão Mór. Testemunhas que presentes forão, o Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, o Sargento Mór Fellipe de Mattos Cutrim, o Capitão Pedro da Costa Favela, o Capitão Pedro Bayão d'Abreu, o Alferes Fernão Mendes Gago, o Alferes Bartholomeu Dias de Mattos, o Alferes Antônio Gomes d'Oliveira, o Ajudante Mauricio d'Aliarte, o Sargento Diogo Rodrigues, o Almoxarife de Sua Magestade Manoel de Mattos de Oliveira, o Sargento Domingos Gonçalves e o Capitão Domingos Pires da Costa; os quaes todos sobreditos aqui assignaram com o dito Capitão Mór Pedro Teixeira. E eu João Gomes de Andrade Escrivão da dita jornada que escrevi. *(Copiado da Antologia Amazônica, do historiador paraense Carlos Roque).*

PREÂMBULO

Na história do Pará colonial nenhum nome poderá exceder em grandeza ao de Pedro Teixeira.

Quando das festas comemorativas do quarto centenário da fundação de São Vicente, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo promoveu uma série de brilhantes conferências, denominadas Vicentinas, uma das quais ficou a cargo do ilustre historiador brasileiro, Sr. Dr. Afonso d'Escragnolle Taunay, que falou sobre **João Ramalho e Santo André.**

Iniciado o seu magistral panegírico do "magno patriarca luso da gente de São Paulo", disse aquele douto sabedor dos assuntos relacionados à história do Brasil:

— "João Ramalho . . . Apelidos tão singelos e, no entanto, tão formidavelmente evocativos . . . repassados de tamanha eloqüência rememoradora . . . Reservara o Destino ao portador destes patronímicos simples um dos mais veementes títulos de indelével engastamento à memória de uma Nação".

E hoje, decorridos trezentos e cinqüenta e cinco anos da façanha homérica empreendida por Pedro Teixeira, nesse distante 28 de outubro de 1637, ao pretendemos evocá-la, bem que podemos dizer, inspirados pelo erudito Taunay:

Pedro Teixeira . . . Nome tão simples, mas tão grandiosamente evocativo, cujo portador fora predestinado a perpetuá-lo através da ampliação de uma pátria já de si tão grande . . .

E mais do que a dilatação de um imenso território, como a proeza gloriosa do grande Capitão da conquista da Alta Amazônia, constituiu fator decisivo para a libertação da sua gloriosa pátria, do jugo castelhano, decorrido apenas um ano do seu regresso da temerária empresa!

O ALFERES GUERREIRO COLONIAL

Pedro Teixeira, nascido em 1570, no Distrito de Coimbra, Portugal, provindo de família de linhagem nobre, antes de ter o seu nome projetado na história através do grande feito que o celebrizou, já se distinguia pela sua intrepidez nas expedições militares dos primeiros colonizadores portugueses do norte do Brasil.

Quando o fidalgo Jerônimo de Albuquerque, morador em Olinda, nomeado Capitão-mor da conquista do Maranhão, partiu do Recife, em 1614, para tentar a expulsão dos estrangeiros que se haviam localizado no extremo-norte e fixar o domínio português naquelas terras ainda não calcorreadas pelos lusíadas, Pedro Teixeira, então alferes, vinha na armada de Albuquerque, à qual se havia juntado, no Rio Grande, a de Diogo de Campos Moreno.

A três léguas do rio Preá, onde dera fundo com a sua pequena expedição, determinou Jerônimo de Albuquerque fosse feito, como providência preliminar, um reconhecimento da ilha do Maranhão, aprestando-se para isso uma pequena canoa de seis remos, em que embarcaram os alferes Belchior Rangel, Pedro Teixeira e Francisco Tavares, além dos remadores. Tinham eles por missão, segundo Berredo, nos seus sempre compulsados **Anais Históricos**, "reconhecer a chamada ilha do Maranhão, tomar língua nela e examinar bem a sua barra."

Operado esse reconhecimento com pleno êxito, volveram, após quatro dias, os intrépidos oficiais à caravela-capitânea, e, informado pelos seus emissários, Jerônimo Albuquerque fez-se de vela, "através de um enxâme de ilhas, a que foi dado pelos expedicionários o nome de **onze mil**

virgens", até que após a passagem pela baía de São José, fez pouso num lugar a que os índios denominavam "Guaxenduba", onde foi erguido o forte de Santa Maria, guarnecido pelas seis companhias que formavam a tropa. — (Barbosa de Godois).

Foi nesse sítio que se travou a batalha de Guaxenduba, desde a madrugada ao entardecer de 19 de novembro de 1614, que marcou o ocaso do domínio dos franceses no Maranhão. "As minguadas forças portuguesas — escreve o Professor José Ribeiro do Amaral — tendo à frente Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos, obraram, nesse dia, excessos de energia, lutando contra um inimigo dez vezes superior em número. Ao cair da noite, puseram-se os franceses na mais desordenada fuga, abandonando o campo aos vencedores".

Um ano depois, anulado o tratado de tréguas firmado em Guaxenduba, a armada portuguesa, comandada por Alexandre de Moura, terminava a conquista do Maranhão, com a rendição de Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière, chefe da ocupação francesa, que havia durado três anos e quatro meses.

Pedro Teixeira fora um dos bravos de Guaxenduba e seu nome estava naturalmente apontado para o desempenho cabal de outras empresas perigosas.

Não demoraram os preparativos para a conquista do Pará e, a 25 de dezembro de 1615, partia do porto do Maranhão a expedição do Capitão-mor Francisco Caldeira de Castelo Branco, com os seus cento e cinqüenta soldados a integrar um conjunto de duzentos homens, embarcados numa caravela, um patacho e um lanchão.

Entre os oficiais subalternos vinham Pedro

Teixeira e Pedro Favella, mais tarde companheiros também na gloriosa jornada de Camutá à foz do Aguarico.

Lançados, em janeiro de 1616, os fundamentos da futura cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, com a construção da fortaleza do **Presépio,** Castelo Branco, precisando de recursos, fez seguir por terra, em 4 de março, um emissário ao Governo do Maranhão, e esse enviado foi o Alferes Pedro Teixeira, que empreendeu a viagem acompanhado do seu colega de armas Antonio da Costa, dois soldados e trinta índios **tupinambás.** Durou a travessia do Pará ao Maranhão dois meses exatos, tendo a expedição sofrido o ataque dos **cahetés,** que povoavam a região.

Pedro Teixeira, galhardo e intrépido como sempre, ao lado de seus bravos companheiros, conseguiu bater os atacantes e levar a Jerônimo de Albuquerque a notícia da fundação de Belém e o pedido de auxílio reclamado por Francisco Caldeira de Castelo Branco. O Governador do Maranhão, atendendo-o com presteza, fez Pedro Teixeira regressar por mar a Belém, acompanhando-o o Capitão Custódio Valente e trinta arcabuzeiros, com os recursos necessários à missão de Castelo Branco.

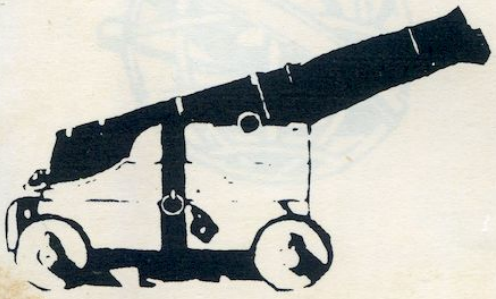
Mal chegado a Belém, nova e perigosa incumbência é confiada ao Alferes predestinado a ser o mais valoroso dos guerreiros coloniais de Portugal. É que os holandeses, num grande navio fundeado perto da embocadura do Xingu, aguardavam a chegada de uma grande armada, para se fixarem em terras amazônicas.

A notícia fora levada a Castelo Branco a 7 de agosto e já na tarde desse dia Pedro Teixeira largava da baía do Guajará em duas canoas armadas em guerra, numa das quais seguia o seu ajudante, Alferes Gaspar de Macedo. Constituiam a

expedição apenas vinte soldados portugueses e alguns índios tupinambás, flexeiros remadores, que, à força de braços e ajudados em parte pelo vento, alcançaram a costa de Gurupá em dois dias apenas, de velocíssima viagem.

Naquela noite de 9 de agosto a grande nau holandesa era atacada inopinadamente pelas canoas de Pedro Teixeira, que, num lance de audácia muito própria da gente lusitana, ordenou a abordagem do navio pelas duas pequenas embarcações. E o assalto foi empreendido com tamanha violência, "com um tal desprezo do chuveiro de balas, que, quando os holandeses se consideravão só acometidos, se virão entrados, mas recobrando-se do primeiro susto, empenharão de sorte toda a sua constância na oposição da fúria dos golpes que já corria sangue pelos embornaes de um e outro bordo." (Berredo).

O bravo Comandante dos lusos e silvícolas, o destemido Pedro Teixeira já havia recebido três ferimentos e muitos dos seus comandados estavam quase fora de combate, também feridos na sangrenta refrega corpo a corpo, de vez que os batavos eram em números superior ao dos atacantes e levavam a vantagem do conhecimento de todos os ângulos e compartimentos do navio. Pedro Teixeira, decidiu então a retirada, conduzindo os feridos para bordo das duas canoas, que se afastaram do costado da nau abordada.



À pequena distância, porém, uma verdadeira cortina de fogo envolvia o grande barco holandês, que é devastado pelas chamas em poucos minutos.

Que sucedera a bordo? A explosão do paiol de munições?

Ao contrário disso. O incêndio total do navio fora causado pelas flexas incendiárias que os valentes tupinambás, ao mando de Pedro Teixei-

ra, haviam disparado de bordo das canoas. Chumaços de estopa, de penas, de fibras, de capim seco, embebidos de rezinas e óleos inflamáveis, tinham sido amarrados às pontas das flexas, que, riscando o espaço como verdadeiros archotes aéreos, iam encravar-se no madeirame, na cordoalha, no velame da nau holandesa, transformando-a, em pouco tempo, num grande braseiro.

Regressando à povoação de Nossa Senhora de Belém, após a gloriosa façanha, Pedro Teixeira, depois de curado dos ferimentos que recebera na abordagem, voltou ao local da peleja e, com a maré baixa, conseguiu desmontar a artilharia do navio incendiado, conduzindo-a para o forte do Presépio ou do Santo Cristo, que marcou a fundação da Capital do Grão-Pará.

Pedro Teixeira, como Capitão-mor, assumiu o Governo do Pará, em maio de 1620, exercendo-o até junho do ano seguinte, quando foi substituído por Bento Maciel Parente, de nefanda memória, como perseguidor ferocíssimo dos índios brasileiros.

DAS PRAIAS DO CAMUTÁ ÀS BOCAINAS DO RIO DO OURO

O ano de 1637 ia marcar, de modo indelével, o maior dos triunfos assinalados na vida gloriosa de Pedro Teixeira, sagrando-o conquistador da grande Amazônia brasileira.

No princípio daquele ano os habitantes de Belém, fundada 20 anos antes, foram surpreendidos com a notícia da chegada à baía do Guajará de uma canoa que conduzia dois frades e seis soldados espanhóis e seis índios peruanos. A pe-

quena embarcação aportara dias antes a Gurupá, no baixo Amazonas, onde os viajantes haviam recebido boa acolhida, após uma tremenda odisséia, que passaram a relatar às autoridades do posto militar português ali localizado.

Vinham eles do Peru, e eram Frei Domingos de Brieda e Frei André de Toledo, religiosos franciscanos, e os soldados pertenciam à milícia da Real Audiência de Quito, no Peru.

O Governo peruano havia enviado um grupo de religiosos espanhóis em missão de catequese aos índios **Encabelados,** acompanhando-os uma expedição militar comandada pelo Capitão Juan de Palacios. Na confluência do rio Napo com o Aguarico ou rio do Ouro, a expedição fora atacada pelos temíveis **Encabelados,** perecendo na luta o Comandante militar e vários soldados, enquanto os missionários e o resto da pequena tropa regressavam a Quito.

Os dois religiosos, Frei Domingos e Frei André, não tiveram, porém, a mesma sorte, pois, não podendo vencer a força da correnteza dos rios e informados de que, descendo ao sabor da corrente, poderiam alcançar as terras do Grão-Pará, onde estivera um dos soldados da expedição, arrojaram-se à aventura, rio abaixo, acompanhados de seis índios e seis soldados, como asserta o ilustrado historiógrafo e notável engenheiro paraense Dr. Henrique A. Santa Rosa, na sua brilhante tese que é a **História do Rio Amazonas.**

E reproduzindo a façanha de Orelana, os foragidos alcançaram realmente as terras do Grão-Pará, tendo sofrido uma investida dos índios na embocadura do Tapajós.

Os pobres viajantes vinham em mísero estado, devido ao muito que sofreram na tormentosa jornada, "famintos, semi-nus, mal sabendo por que países andaram, assombrados de tudo, até

do próprio salvamento", na descrição feliz do ilustre historiador paraense e inspirado pintor Dr. Teodoro Braga.

Informado da extraordinária ocorrência, o Capitão-mor do Pará, Francisco Azevedo, mandou apresentar os dois franciscanos ao Governador Jácome Raimundo de Noronha, no Maranhão, para que este agisse como achasse razoável.

Na Capital do Maranhão os dois religiosos mostraram-se empenhados em regressar "pelo mesmo caminho para a Capital do reino de Quito, havendo mais companheiros, cujo número tire aos ferozes silvícolas a vontade de os saltear." (Baena — **Compêndio das Eras).**

Jácome de Noronha resolveu, dar cumprimento ao que já fora recomendado, por mais de uma vez, pelo Governo de Portugal, isto é, a exploração do rio das Amazonas, águas acima, até o Peru, e determinou fosse organizada uma expedição que ele próprio chefiaria. Afinal, aconselhado por vários amigos, desistiu da idéia de comandar a arrojada diligência, mas insistiu no propósito de fazer seguir a expedição à conquista da Amazônia.

O Senado da Câmara de Belém, em nome da população guajarina, pediu ao Governador o adiamento da exploração do grande rio, alegando que a saída de qualquer tropa do Pará reduziria a possibilidade de defender-se a pequena colônia da ameaça de uma invasão pelos inimigos dos portugueses. A nada, porém, atendeu Jácome de Noronha, que replicou dizendo não admitir que perturbassem com pedidos a sua ação administrativa.

Jácome de Noronha — conceitua o douto Desembargador Jorge Hurley, no seu valioso trabalho **Noções de História do Brasil e do Pará** —

precisava recomendar-se às Coroas de Portugal e Espanha, para atenuar, senão diminuir, as culpas da escalada ao poder, em detrimento aos direitos do Capitão-mor do Maranhão, Antonio Cavalcanti de Albuquerque, legítimo sucessor do Governador Francisco Coelho de Carvalho, que falecera em Cametá, em setembro de 1636. Noronha, que era Provedor-mor da Real Fazenda, fez-se aclamar Governador do Estado do Maranhão pela Câmara de São Luiz, e a queixa contra o intruso fora apresentada ao Governo de Portugal.

Decidida a organização da grande expedição, Noronha nomeou chefe da mesma o Capitão Pedro Teixeira, com a patente de Capitão-mor da força expedicionária e poderes de Capitão-General Governador do Estado.

Os demais postos e cargos foram assim providos: mestre de campo, o Capitão Antonio de Azambuja; sargento-mor, Felipe de Matos Cotrim; comandantes das companhias de infantaria, os Capitães Pedro da Costa Favela e Pedro Baião de Abreu. O mestre de campo, Capitão Antonio de Azambuja, desistiu de tomar parte na expedição (por motivos particulares, diz Berredo nos **Anais**, por ser medroso, afirmam Inácio Moura e Estefanio Silva, na sua contribuição **Vultos e descobrimentos do Brasil e da Amazônia**), sendo nomeado em seu lugar Bento Rodrigues de Oliveira, pernambucano, homem inteligente, conhecedor dos segredos da língua tupi, que falava como a materna, diz Southey e que, com o posto de Coronel, foi o chefe da vanguarda de Pedro Teixeira e o principal norteador da expedição.

A nomeação de Pedro Teixeira representava um ato, bem inspirado e a segurança do pleno êxito que alcançaria a temerária empresa. Era ele um guerreiro autêntico, de bravura comprovada

desde o reconhecimento da barra do Maranhão e na batalha de Guaxenduba, até a dramática abordagem, seguida de incêndio, do veleiro holandês na costa de Gurupá. Além disso, era o bravo Capitão um homem de bons princípios, de sólida moral, valente mas generoso, severo mas justo, desfrutando as simpatias dos seus superiores, que lhe reconheciam os altos méritos, e dos seus subalternos, que lhe cumpriam as ordens sem vacilações.

A expedição partiu do porto do Maranhão e chegou a Belém em julho de 1637, participando da mesma Frei Domingos de Brieda e os seis soldados espanhóis que com ele tinham vindo de Quito, enquanto Frei André de Toledo fora despachado para Lisboa e Madri.

Em Belém foram embarcados contingentes de tropa, no total de setenta soldados, incorporando-se à expedição o Capitão Domingos Pires da Costa, os Alferes Fernão Mendes Gago, Bartolomeu Gomes de Oliveira, os sargentos Diogo Rodrigues e Domingos Gonçalves, o almoxarife Manuel de Matos Oliveira e o escrivão da viagem, João Gomes de Andrade.

Em dezesseis canoas, tripuladas por trezentos índios, partiram os expedicionários de Belém, em princípios de agosto, com destino à Vila Viçosa de Santa Cruz do Camutá, onde ia ser feito o aparelhamento definitivo da expedição com o acréscimo, não somente de embarcações e de remadores e flexeiros, como também do necessário abastecimento.

Após um mês e meio de estadia na terra dos Camutás, chegou, afinal, o grande dia do início da jornada, o memorável dia 28 de outubro de 1637, marco de uma viagem que ia durar dois anos e quarenta e quatro dias.

E partiram nesse dia das plagas tocantinas

os intrépidos oficiais e soldados portugueses, com o seu galhardo Capitão, mais o coronel de Pernambuco, o frade e os soldados espanhóis e, em formidável maioria, os bravos amazônios do Pará-Açu, esses valentes Tupinambás, que se desdobravam por várias tribos no imenso território do Grão-Pará.

Era uma flotilha de quarenta e cinco canoas, em que se alojavam oitenta e sete militares, três civis e mais de mil caboclos paraenses, manejadores de arco e flexa, e vigorosos remadores das embarcações.

Os primeiros quatro meses de viagem, através do labirinto hidrográfico do Amazonas, foram penosos para os expedicionários, obrigados a vencer à força de remos a correnteza impetuosa, puxando à sirga as canoas nos trechos de acesso mais difícil, dormindo nas praias, após o percurso monótono dos longos estirões, sem pilotos ou práticos que pudessem tornar mais fácil a ignorada rota, enfrentando, afinal, o mistério do desconhecido.

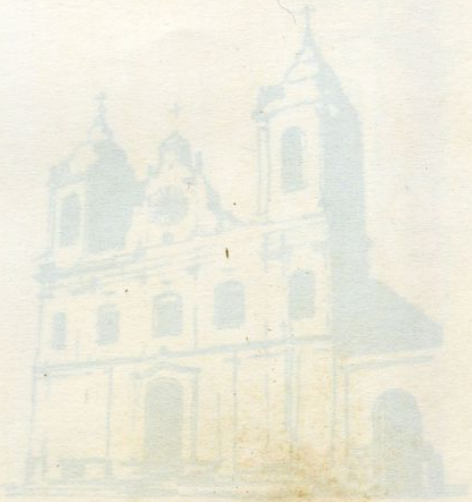
Homem prudente e cauteloso, Pedro Teixeira, tendo verificado que alguns selvagens haviam descido nos pontos de descanso, embrenhando-se nas matas, resolveu, no mês de fevereiro de 1638, destacar oito canoas tripuladas por índios de maior confiança, fazendo-se seguir à frente da expedição, sob o comando do Coronel Bento Rodrigues de Oliveira. Este destemido vanguardeiro marcava a exploração do caminho com sinais da sua passagem, facilitando assim a jornada dos companheiros que vinham atrás.

Aos 3 de julho daquele ano a expedição atingiu a foz do rio Aguarico, onde fora morto pelos **Encabelados** o Capitão Juan de Palacios, e nesse ponto Pedro Teixeira deixou instalado um destacamento militar, constituído pela maior

parte da sua gente, confiando-o ao comando do Capitão Pedro Favela, assistido pelo Capitão Baião de Abreu. E prosseguiu a jornada, com pouco pessoal, encontrando sempre nas margens dos rios os sinais de Bento de Oliveira, que viajava na vanguarda.

A 15 de agosto, já navegando nas águas do Napo e do Coca, chegava à povoação de Payamino, distante de Quito oitenta léguas, e aí encontrou as canoas e a gente de Bento Rodrigues de Oliveira. Este havia deliberado abandonar a via fluvial e seguir por terra, sempre indicando o caminho ao chefe da expedição. De Payamino seguiram até Baeza, com acidentado terreno, transpondo rios e cinqüenta dias de percurso, através de montanhas. No dia 14 de outubro os expedicionários, que se haviam improvisado em cavaleiros do sertão, chegaram à aldeia de Puras, onde Pedro Teixeira teve a satisfação de abraçar o Coronel Bento de Oliveira, que ali o aguardava, a fim de entrarem juntos em Quito, assinalando o termo da vitoriosa jornada. O Presidente da Real Audiência, Dom Afonso Perez de Salazar, mandara cumprimentar Pedro Teixeira, pedindo-lhe que fizesse parada a meia légua de Quito, na Igreja de N. S. de Guapulo, onde uma comissão dos maiorais da terra receberia os expedicionários com o maior aparato.

O chefe dos bandeirantes do Grão-Pará e seus companheiros de travessia foram recebidos em Quito com honras excepcionais, merecendo acolhimento carinhoso e entusiástico, quer por parte das autoridades, como da população, que enchia as ruas da cidade, assistindo a passagem do cortejo triunfal que conduzia os recém-vindos à sede da Real Audiência. Nada há a estranhar nessas extraordinárias homenagens a portugueses por parte de espanhóis, sabendo-se que, aquela



época, Portugal estava sob o domínio da Espanha (1580-1640), reinando em ambos os países El-Rei Felipe IV, de Espanha e III de Portugal.

O Vice-Rei, Conde de Chinchon, em aviso de 14 de novembro, recomendou que fosse prestado todo o auxílio ao Capitão Pedro Teixeira, no seu regresso ao Pará, mandando que o acompanhassem duas pessoas de Quito, "das de melhor opinião", para testemunharem perante a Corte de Madri, o feito valoroso do conquistador da Amazônia. Após longos debates sobre a escolha desses emissários, foram aceitos os nomes do ilustrado Padre Christobal d'Acunã, da Academia Real de Quito, e do Padre André de Artieda, lente de teologia em Quito.

A esses religiosos reuniram-se os Freires Pedro de la Rua Cirne, João da Mercê, Diogo da Conceição e Afonso de Armejo, superior dos três primeiros, todos da Ordem Calçada de N. S. das Mercês. Frei Afonso morreu em viagem e Frei Pedro fundou a Ordem das Mercês, em Belém e no Maranhão.

Aos 16 de fevereiro de 1639, Pedro Teixeira empreendeu o regresso da expedição ao Grão-Pará, viajando pela estrada de Archidona, que oferecia melhor trajeto do que a de Payamino, e fazendo todo o percurso, por terra, chegou em um dia às margens do Napo, onde, embarcados os expedicionários nas suas canoas, viajaram até à foz do Aguarico, aí encontrando os Capitães Pedro Favela e Baião de Abreu, com o destacamento militar que ali ficara.

Os "**Encabelados**", durante a permanência de Favela e seus comandados na foz do rio do Ouro, a princípio mantiveram boa avença com os expedicionários, mas, por fim, entraram em luta, sendo totalmente derrotados, com a chega-

da oportuna de Pedro Teixeira.

Autorizado pelas cartas-patentes de que era portador, o Capitão e Governador Geral da Conquista da Alta Amazônia resolveu tomar posse das terras, rios, navegação e comércio em nome de El-Rei de Portugal.

Finalmente 16 de agosto de 1639, um ano e dez meses após a partida da expedição das praias de Cametá, ia ser proclamada oficialmente a realidade da grande conquista. Defronte das bocainas do rio do Ouro, na presença de todos os seus oficiais, soldados e companheiros, Pedro Teixeira, declarou solenemente que, de acordo com o regimento expedido por S. Majestade, "tomava posse pela Coroa de Portugal, daquele sítio e mais terras, rios, navegações e commercios", sendo lavrado o respectivo auto de posse, escrito pelo escrivão da viagem, João Gomes de Andrade, e dado ao sítio da povoação o nome de Franciscana.

Pedro Teixeira concluira a sua grandiosa missão, alargando a Capitania do Grão-Pará, até então limitada pelo rio Tapajós, e anexando ao Brasil do futuro milhões de léguas quadradas.

Ficava assim recuado, afastado para o oeste, o meridiano famoso do Tratado de Concórdia de Tordesilhas.

A VOLTA DO CONQUISTADOR E OS EFEITOS DA CONQUISTA

Realizada a posse da Alta Amazônia pelos portugueses, Pedro Teixeira ordenou o regresso imediato da expedição a Belém, distante da povoação Franciscana mais de mil e duzentas léguas.

Descendo o Napo e passando para o Amazonas, favorecido pela correnteza, pois, "para baixo de todos os santos ajudam", na frase pitoresca do caboclo, a expedição fez boa viagem, chegando a Belém, a 12 de dezembro do ano de 1639, aclamados os expedicionários por toda a população, à frente o Capitão-mor Aires de Souza Chicorro.

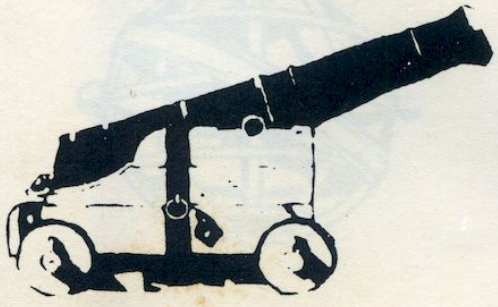
Pedro Teixeira seguiu logo para o Maranhão, a dar contas da sua missão ao Governador do Estado, o truculento Bento Maciel Parente, verdugo dos índios, que substituira a Francisco de Azevedo.

Maciel Parente, como prêmio ao grande Capitão, mandou passar provisão, dando a Pedro Teixeira "trezentos casais de índios de administração, inclusive as terras da aldeia Faustino, por três vidas, isto é, até seus bisnetos", dádiva esta de que o honrado Conquistador jamais se utilizou, ao contrário do inumano doador, que passou à história como um feroz exterminador dos primitivos donos do Brasil.

Também Felipe IV Rei da Espanha e de Portugal, concedeu em 1640, a Pedro Teixeira, que era de família nobre, o título de Marquês de Aquilla Branca, distinção que o grande herói português não chegou a usar, pois a revolução vitoriosa de 1o. de dezembro daquele ano libertara Portugal do domínio da Espanha, que durava havia sessenta anos.

Em 28 de fevereiro de 1640, Pedro Teixeira assumiu o governo do Pará, como Capitão-mor, exercendo o mandato até 26 de maio de 1641, com a costumada moderação, enérgico mas tolerante e, sobretudo, justo.

☆☆☆☆☆



A expedição de Pedro Teixeira trouxe, como conseqüência imediata, o conhecimento, por parte dos portugueses, da imensa extensão da Amazônia, dos rios que banham este vale portentoso, tanto os afluentes do Rio-Mar, como outros de que não havia notícia.

H. Santa Rosa enumera o Napo, o Aguarico ou rio do Ouro, o Curaray ou Ynary ou Javary, o Yquiary, o Içá ou Putumayo, o Yetam ou Yutay (Jutaí), o Caquetá ou Yapurá, o Tefé, o Acaricuara, o Yanapuari ou Purús, o rio Negro ou Uneyá, o Uauapés, Caiary ou Madeira, o Sarach, o Cunuris ou Nhamundá, o Uruxiauna ou Trombetas, o Tapajós, o Curupatuba, o Mapam ou Jenipapo, o Xingu e muitos outros.

O Coronel Luiz Lobo, na sua magnífica História militar do Pará, afirma que a expedição do brilhante guerreiro "não só dilatou até às posições cisandinas de Castela as fronteiras da Capitania e os limites da Pátria, como preestabeleceu os pontos estratégicos do labirinto hidrográfico da Amazônia, fechando o perímetro de sua completa defesa". E acrescenta aquele saudoso engenheiro militar que bastaria esta expedição de Pedro Teixeira, pacífica, mas de tão alta destinação patriótica, para encerrar com chave de ouro a história do domínio espanhol no Brasil.

Acentua outro notável engenheiro, o Dr. Inácio Moura, que "Foi por assim dizer a extraordinária viagem de Pedro Teixeira que determinou a grandeza territorial do nosso País; sem isso, as possessões espanholas do Pacífico teriam avançado para o Amazonas, vindo, talvez, assentar tendas junto das margens do Atlântico".

Entretanto, o que perpétua no Brasil a gloriosa jornada de outubro de 1637 a dezembro de 1639?

Na Capital do Pará, no salão de honra do

Palácio do Governo, uma grande e maravilhosa tela de 8 metros de comprimento por 4 de altura, primorosamente executada pelo ilustre pintor Antonio Parreiras, autorizado pelo Dr. Augusto Montenegro, Governador do Pará, de 1900 a 1908. Esse formidável trabalho, primeiro quadro de assunto histórico executado pelo grande pintor brasileiro, recebeu o título oficial de "A Conquista do Amazonas" e representa a leitura do auto de posse das terras da Alta Amazônia, na aldeia Franciscana, e anda reproduzido nas cédulas de cinco cruzeiros, com a singela legenda "Amazônia".

No Museu Ipiranga, em São Paulo, avulta um outro quadro, de menores proporções que o de Parreiras, trabalho do pintor Joaquim M. Machado, no qual a figura central é a do primeiro bandeirante da Amazônia ao pisar as terras conquistadas.

Como documento perene da memorável expedição à foz do Aguarico existe a crônica escrita por Frei Christobal d'Acunã. — "Novo descobrimento do grande rio das Amazonas e a viagem de Pedro Teixeira águas arriba", apresentada pelo autor ao Rei da Espanha, em 1641, documento esse que, como asserta o Dr. Henrique Santa Rosa, "teria de servir, mais tarde, como manacial fecundo em que se deviam dessedentar os historiadores futuros, como Bernardo Berredo, Clem. Markman e melhor do que todos, D M. Jimenez de la Espada".

Humberto de Campos, celebrando a glória do "primeiro civilizado que subiu o Amazonas", consagrou-lhe este admirável soneto, da série

"OS DESCOBRIDORES"

Já entrava o sol no matagal sombrio
E era o dia sem chuvas, nem garoas,
Quando, em outubro, despertaste o rio
Com o ritmado remado das canoas.

Era a flotilha de quarenta proas
Carregando soldados e gentio.
Foste, no entanto, do Equador ao frio
A cortar correntezas e lagoas.

Por dois anos, em ímpetos convulsos,
Exaltando os valores portugueses,
Cortaste o rio com trezentos pulsos.

Bebeste esta água nos seus dois extremos;
E o Amazonas que diga quantas vezes,
Orgulhoso de ti, beijou teus remos!

ENGANOS EM TORNO DO FAMOSO QUADRO DE PARREIRAS

"A Conquista do Amazonas", agora reproduzido nas notas de cinco cruzeiros e o que a seu respeito escreveu o Sr. Gustavo Barroso — Não representa a chegada a Quito da expedição de Pedro Teixeira, nem nele existe nenhum cavalheiro estendendo o braço "como a indicar aos que o cercam a direção de onde viera" — Interessantes declarações e informações do diretor do Museu Antonio Parreiras.

Como toda gente sabe, as nossas popularíssimas cédulas de 5 cruzeiros trazem gravadas, no reverso, uma cena do Século XVII, em que entram bandeirantes, religiosos e índios, vendo-se também, ao fundo, o velame de bojudas embar-

cações que se balouçam no remanso das águas tranqüilas de um grande rio.

Esse rio deve ser, necessariamente, o Amazonas ou um dos seus afluentes, por isso que à esquerda, em baixo, lê-se a palavra "Amazônia".

A EXPEDIÇÃO DE PEDRO TEIXEIRA

O Sr. Gustavo Barroso, diretor do Museu Histórico, em artigo publicado em uma das nossas revistas semanais, informa, textualmente, que "o pequeno quadro reproduz a chegada a Quito da Expedição de Pedro Teixeira, que deu a Amazônia ao Brasil".

E adianta que no grupo central de bandeirantes há "um cavalheiro que estende o braço como a indicar, aos que cercam, a direção de onde viera". Alongando-se sobre Pedro Teixeira e seu grande feito, tão lamentavelmente esquecido hoje fora do Pará, nada mais disse, entretanto, o Sr. Gustavo Barroso, além do que se transcreveu acima, acerca do que ele chama o "pequeno quadro", cujo autor não lhe merece a mais vaga referência.

TRATA-SE DO QUADRO DE ANTONIO PARREIRAS

Há tempos divulgou O GLOBO, em notas de reportagem, a existência, no Museu Antonio Parreiras, em Niterói, de uma reprodução fotográfica do grande quadro "A Conquista da Amazônia", pintado pelo saudoso mestre fluminense entre os anos de 1906 a 907, por encomenda do

Governo do Estado do Pará, ao qual foi entregue, solenemente, em 1908, devendo encontrar-se ainda no Palácio de Belém.

Tendo em conta que bem poderia haver uma relação qualquer entre esse quadro de Parreiras e a hoje popularíssima gravura das cédulas de 5 cruzeiros, que andam de mão em mão, sem que se saibam maiores detalhes acerca da movimentada cena setecentista nelas reproduzida, procuramos o diretor do Museu do saudoso artista, à rua Tiradentes, 47, na capital fronteira, que nos proporcionou amplos esclarecimentos sobre o assunto.

Disse-nos o Sr. Jefferson Avila Junior:

— Realmente, a pequena gravura a que se refere reproduz e, por sinal que com fidelidade notável, o quadro pintado por Antonio Parreiras no começo do século, por encomenda do Sr. Augusto Montenegro, então governador do Estado do Pará.

O QUE REPRESENTA A 'CONQUISTA DO AMAZONAS"

Indagamos de S. S. se havia lido o artigo do Sr. Gustavo Barroso:

— Lí. Na verdade, o quadro, que não é absolutamente um "pequeno quadro", pois mede 8 metros de comprimento por 4 de altura e recebeu oficialmente o título de "A Conquista do Amazonas", representa um determinado momento histórico da gloriosa incursão do capitão-mor Pedro Teixeira. Não é esse momento histórico, entretanto o da sua chegada a Quito, como supõe o eminente diretor do Museu Histórico e sim o ato solene da posse, a 16 de agosto de

1639, em sítio, na fronteira, que passou a denominar-se "aldeia Franciscana", das terras conquistadas pelo valoroso capitão-mor, para as coroas de Castela e Portugal. Parreiras procurou mesmo documentar-se abundantemente, a fim de representar com fidelidade o cerimonial que, na época, se impunha em atos daquela natureza. Também, observando melhor, o eminente historiador não poderá ver nenhum cavalheiro estendendo "o braço como a indicar aos que o cercam a direção de onde viera", pela simples razão de que isso não foi pintado; quero dizer: não está no quadro nem na gravura que o reproduz. O que está no quadro é o que consta do "Auto" de posse lavrado pelo escrivão da expedição, João Gomes de Andrade, que foi quem presidiu a cerimônia e aparece no grupo central, à esquerda, de papel na mão. Parreiras, neste particular, seguiu o exemplo de Vitor Meireles, que pintou a sua "Primeira Missa", (aliás segunda), à base das informações contidas na famosa carta do escrivão da armada cabralina.

COMO SE DESENVOLVEU A COMPOSIÇÃO

Continua o diretor do Museu Antonio Parreiras:

— O assunto foi distribuído em três grupos principais, como se pode ver, examinando o reverso das cédulas de 5 cruzeiros: no grupo central estão, frente a frente, o escrivão João Gomes de Andrade e o capitão-mor Pedro Teixeira; ladeando este, o alferes Bartholomeu Dias Matos, o capitão Pedro Baião, imediato do comando e ainda o ajudante de ordens Pedro Favela; os grupos da esquerda e da direita, onde aparecem ban-

deirantes, religiosos e índios são, evidentemente, de menor importância, mas emprestam beleza, harmonia e equilíbrio à cena descrita pelo escrivão da expedição. Esta é a linha geral da composição. Mas, a tela tem detalhes curiosíssimos. Por exemplo: no primeiro plano, à esquerda, um índio velho, abatido, olha, com amargura, as armas partidas, simbolizando a derrota, enquanto que, por detrás dele, um índio moço alteia a fronte, olhando com sobranceria a cena que se passa no eixo da tela, significando essa atitude, sem dúvida, a fé que os mais jovens alimentavam no futuro de sua raça. Conforme o gosto da época, o quadro apresenta, não obstante a sua fidelidade à verdade histórica, um jogo de contrastes de tendência acentuadamente alegórica: índias nuas de mistura com homens brancos e graves religiosos, simbolizam os dramas do congraçamento das raças e da catequese; enorme tronco, à esquerda, simboliza a pujança da terra amazônica e duas seringueiras entrelaçadas a sua fecundidade. Há ainda, no primeiro plano, à direita, as proas das primitivas pirogas indígenas, contrastando, na sua humildade rústica, com o vistoso velame da armada de Pedro Teixeira. Aí está, em rápido resumo, o que representa o quadro pintado, vai para 43 anos, por Antonio Parreiras, transformado agora na mais popular das nossas grandes composições históricas.

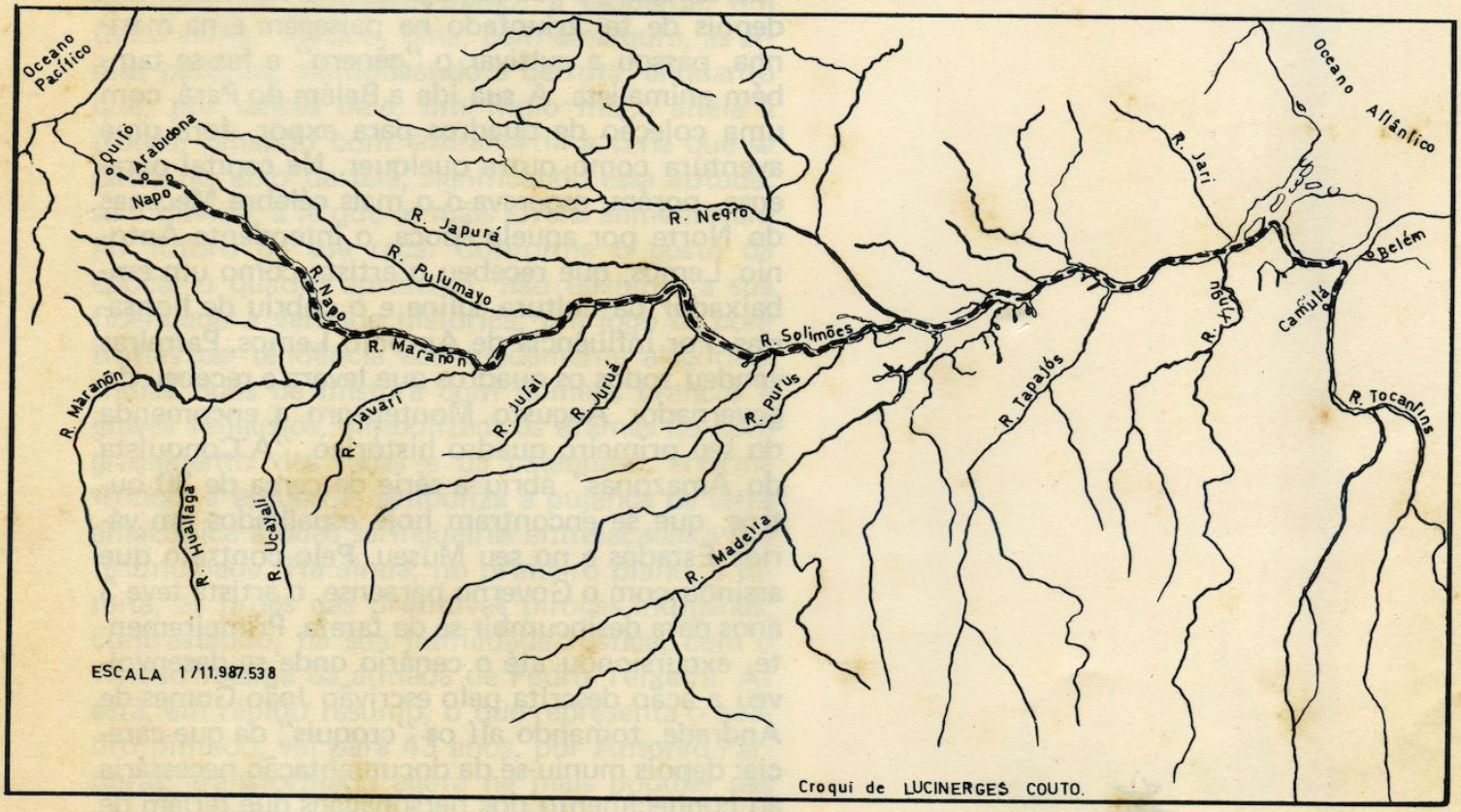
HISTÓRICO DA FAMOSA TELA

O diretor do Museu Antonio Parreiras tem organizado um "dossier" completo sobre cada um dos quadros históricos do insígne pintor. Não lhe foi difícil, portanto, fornecer-nos as no-

tas que lhe solicitamos sobre a história da famosa tela.

— Em 1905 — disse-nos S. S. — Parreiras estava na plena maturidade de seu talento. Nove anos antes, isto é, em 96, tinha ele pintado as "Sertanejas", a sua paisagem mais forte. Em 98, depois de ter triunfado na paisagem e na marinha, passou a cultivar o "gênero" e fez-se também animalista. A sua ida a Belém do Pará, com uma coleção de quadros para expor, fora uma aventura como outra qualquer. Na capital paraense, porém, esperava-o o mais célebre Mecenas do Norte por aquela época, o intendente Antonio Lemos, que recebeu o artista como um embaixador da cultura sulina e o cobriu de honrarias. Por influência de Antonio Lemos, Parreiras vendeu todos os quadros que levara e recebeu do governador Augusto Montenegro a encomenda do seu primeiro quadro histórico. "A Conquista do Amazonas" abriu a série de cerca de 30 outros, que se encontram hoje espalhados em vários Estados e no seu Museu. Pelo contrato que assinou com o Governo paraense, o artista teve 3 anos para desincumbir-se da tarefa. Primeiramente, excursionou até o cenário onde se desenvolveu a ação descrita pelo escrivão João Gomes de Andrade, tomando alí os "croquis" de que carecia: depois muniu-se da documentação necessária ao conhecimento dos personagens que teriam de encher a cena; a seguir, na Europa, contratou modelos, adquiriu trajes da época, armas, etc. e esboçou o quadro; finalmente, de volta ao seu "atelier", em Niterói, concluiu a obra, que foi exposta nesta capital, acompanhada de nada menos de 68 "estudos". Neste mesmo ano da exposição, que foi de 1907, Parreiras rumou para o Norte com o seu quadro, entregando-o, folgadamente, dentro do prazo prefixado.

ESQUEMA DA VIAGEM DE PEDRO TEIXEIRA, DE CAMUTÁ A QUITO



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

DEPARTAMENTO DE TURISMO

GRAFISA
CIA. GRÁFICA E EDITÔRA GLOBO
Belém - Pará
OFFSET

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO
(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM